



FOLIAS DA CULTURA · MEMÓRIA DE PERCURSO

Concepção e produção editorial: **Alba Valeria Freitas Dutra**

Redação e Edição de textos: **Leri Faria Jr.**

Organização: **Alba Valeria Freitas Dutra**

Assistente de produção: **Danielle Bispo Costa**

Revisão: **Wesley Pioest**

Colaboração: **Wesley Pioest, Luis Santiago, Paulo Roberto Aranha, Guilardo Veloso,**

Ivan Dutra, Bira Ribeiro, Sinésio Lopes Machado, Daniel Lima Magalhães,

Laura Benevides Moraes, Adélio Alves, Helena Moreira da Silva

Fotografia: **Márcio Pereira, arquivo ONG Vokuim**

Capa e projeto gráfico: **Márcio Pereira**

Impressão: **Editora O Lutador**

Contato: **albadutra@yahoo.com.br**

FOLIAS DA CULTURA / ONG VOKUIM

Rua São Geraldo, 91 – Centro – Rubim – MG

CEP: 39.950-000

CNPJ: 05.571.671/0001-26

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dutra, Alba Valéria Freitas

Folias da cultura : memória de percurso / Alba Valéria Freitas Dutra.

Rubim, MG : ONG Vokuim, 2015.

ISBN 978-85-68776-00-1

1. Cultura - Rubim (MG) - História 2. Cultura popular 3. Folias da cultura - (Projeto)
4. Jequitinhonha, Vale do, - Descrição 5. Memórias 6. Projetos sociais e culturais I. Título.
15-04464 CDD-306.4098151

Índices para catálogo sistemático:

1. Folias da cultura: Projetos culturais:

Rubim: Minas Gerais: estado: História e memórias 306.409815115-

Alba Valeria Freitas Dutra

ORGANIZAÇÃO

Folias da cultura: memória de percurso

1ª edição

Rubim|MG

Ong Vokuim

2015

APRESENTAÇÃO

Esse livro convida você a conhecer a trajetória da ONG VOKUIM e o trabalho desenvolvido pelo Ponto de Cultura Folias da Cultura.

O projeto Folias da Cultura iniciou-se a partir do convênio firmado com o Governo do Estado de Minas Gerais, por meio do programa Mais Cultura, em parceria com o Governo Federal - desdobramento do Programa Cultura Viva que permitiu uma ampliação das ações já desenvolvidas pela entidade.

Dai a ideia de revelar a memória desse percurso, compartilhar um relato do processo vivenciado durante a realização do projeto e apresentar os resultados obtidos.

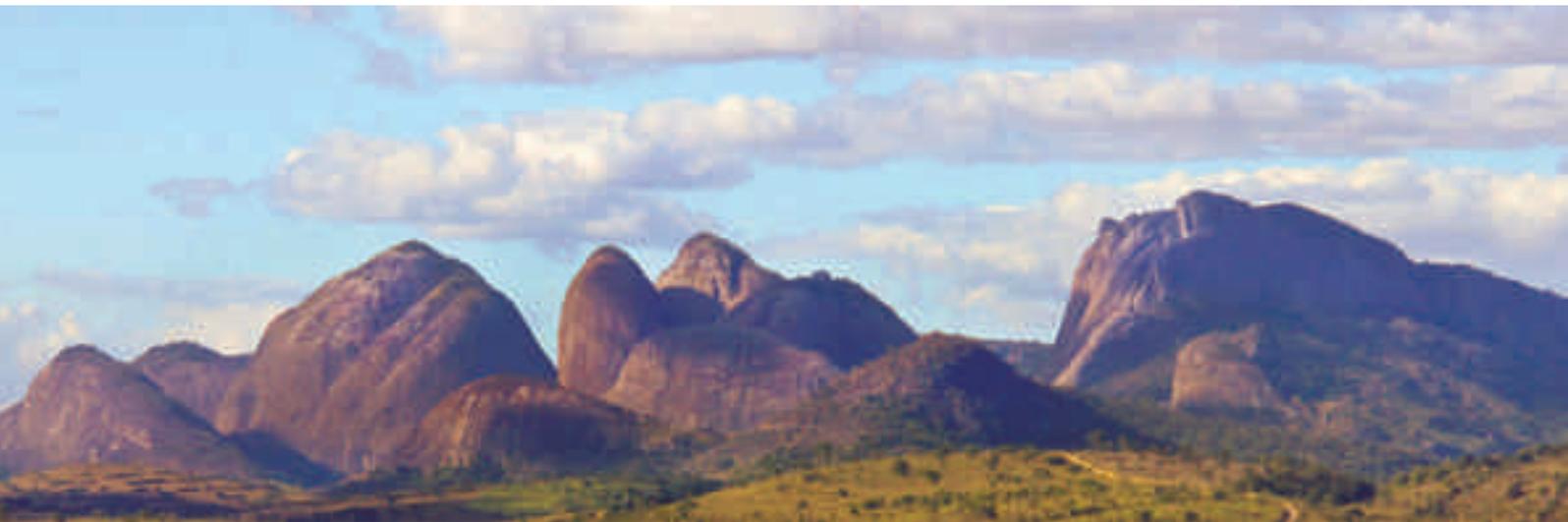
Aqui, os leitores irão encontrar uma narrativa síntese das origens da cidade de Rubim. Dada a carência de documentação oficial disponível, o texto foi escrito a partir da compilação de relatos orais, resgatados e registrados informalmente por pessoas da comunidade, pesquisadores e historiadores, somados às poucas informações oficiais acessíveis.

Você vai descobrir um pouco da história de Rubim e do movimento cultural na região e compreender a importância da contribuição desses movimentos e de suas iniciativas para a construção do panorama cultural existente no Município e em todo o Vale Jequitinhonha.









Histórico

A origem de Rubim, cidade do Vale do Jequitinhonha, situada no nordeste de Minas Gerais é um tanto incerta e carece de registros confiáveis que atestem a data precisa do início do seu povoamento. O que se sabe é que a região era anteriormente habitada por indígenas Maxakali, cuja denominação original é Tikmũ'ün. Segundo Péricles Ribeiro dos Santos, autor de “Pioneiros de Águas Formosas”, o nome do cacique Maxakali, que ele afirma ter conhecido pessoalmente era Ari-Ari. Há informações que atestam a presença dos índios da Nação Borun, ou Botocudos, na região.

Conta-se que tudo começou com a chegada à região do desbravador Tiago José de Almeida. Dizem que ele veio em busca de um pedaço de terra para se estabelecer e chegou acompanhado de dois camaradas, armas e ferramentas no lombo de um burro, para o cultivo da terra. Não há registros da data dessa primeira tentativa de colonização da região. Mesmo assim, diz-se que quase ao mesmo tempo apareceu no local um engenheiro baiano acompanhado de alguns homens. Embora alguns digam que o nome do tal engenheiro era Apollinaire¹, não encontramos documentos que comprovem essa suposição, ou se ele esteve propriamente no local onde surgiu Rubim. Também não se pode precisar se ele veio a mando de alguém. O que se confirma é que ele esteve na região com a missão de expulsar os indígenas que ali habitavam e estudar a viabilidade de implantação de uma estrada de ferro no local.

1900 e 1905 – Ocupação da Terra – As Fazendas

Depois de expulsar os índios pela força das armas, o próximo passo foi uma grande derrubada de matas nativas para o plantio de lavouras. Essas áreas seriam hoje correspondentes à Fazenda Guaraná, ao Pirajá e à Fazenda Iracema, onde se situavam as principais aldeias indígenas. Curiosamente, alguns meses depois de semear a terra, o tal engenheiro baiano desapareceu sem deixar rastro e nunca mais voltou! Melhor para os novos colonos que chegaram e, encontrando a terra sem dono, se apropriaram dela e usufruíram das lavouras já plantadas e florescentes.

O surgimento do povoado foi precedido pela instalação de Fazendas. Tiago José de Almeida vendeu as terras abertas e cultivadas por ele ao Major Quinto Fernandes Ruas, filho de tradicional família de Fortaleza (Pedra Azul).

As áreas abertas entre 1900 e 1905, correspondiam à Fazenda Barcelona, às propriedades de Napoleão Neto, à Fazenda Revolta de “Zé” Ramos, já existentes, nos arredores do futuro povoado de União. Também já existia a Fazenda de Eugênio Silva, próxima ao desaguamento do Córrego Rubim no Rio Jequitinhonha (mais tarde Conceição), e as do Major Osório Sousa, próximas ao futuro povoado.

1918 - O Povoado

As terras onde o povoado começou a ser implantado pertenciam a Antônio Nonato, Zé de Laurindo, Eugênio Silva e ao Major Osório Sousa. E foi nessas terras que o Major Quinto Fernandes Ruas, conhecido como “Quintão Fernandes” liderou a criação do povoado que deu origem à cidade de Rubim.

O Major Osório Sousa chegou acompanhado de prole numerosa e trazendo o prestígio da família. Os “Sousa”, do Major Osório, e os “Ruas”, do Major Quinto, eram adversários políticos em sua terra natal, Fortaleza, atualmente Pedra Azul. Essa rivalidade se manteve ao longo do tempo e contribuiu para definir posteriormente as respectivas posições políticas no futuro da cidade.

Por volta de 1918, a esse grupo fundador se uniram a família dos Cardoso, a família Alves, o Coronel Melvino Ferraz e parte de sua família. Nesse mesmo ano chegou o Sr. Ubirajara Coelho, casado com D. Helena, filha de D. Ana Alves Lacerda, que os acompanhava.

Assim formou-se o povoado que recebeu o nome de União, em referência à paz e harmonia que reinava entre os moradores. Nessa época foram construídas as primeiras casas e cômodos de lojas com depósitos para mercadorias, foi fundada a primeira escola, denominada Escolas Reunidas. A primeira casa, erguida pelo Major Quinto Fernandes Ruas, continua de pé, na esquina da Praça Quinto Ruas, onde funciona o Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

Águas cristalinas

Dois fatores naturais e geográficos foram determinantes para o estabelecimento e o ordenamento urbano do povoado: o primeiro foi a proximidade de uma pequena nascente de água cristalina e pura, atualmente conhecida como Córrego do Medéia. Suas águas não tinham o excesso de sal do então volumoso córrego do Rubim do Sul. O segundo foi a existência de uma passagem natural no córrego, que permitiu a instalação do primeiro ponto de apoio para as tropas. Assim, o sopé do morro foi ocupado seguindo o alinhamento natural das margens do córrego, evitando o alagadiço marginal provocado pelas cheias frequentes.

Tropeiros

A principal atividade econômica do povoado era o comércio. Os produtores locais precisavam negociar o resultado de suas colheitas e de subprodutos da pecuária para comprar sal, querosene, tecidos e uns poucos artigos industrializados trazidos de centros maiores como Pedra Branca, hoje Itapebi, Itapetinga, Montes Claros e posteriormente Vitória da Conquista. Ali, logo se instalou e foi se firmando um importante ponto de apoio para as tropas, entre as quais, as dos irmãos Nonato.

Aqui cabe um registro especial do importante papel desempenhado pelos tropeiros na consolidação e desenvolvimento do comércio local. Os sertanejos baianos chegaram logo no começo do povoamento, tra-

Tropa perfilada, em frente à casa de Dona Oreniva, na Pracinha do Rasta Couro.



zendo suas famílias. Com muita coragem e disposição para percorrer trechos de muitas léguas sertão adentro, montaram as tropas e passaram a levar no lombo dos burros: carne salgada de boi e de porco, toucinho e feijão produzidos no povoado. As carnes salgadas eram enroladas em esteiras de palha de coco (embuchados). A confecção das esteiras era tarefa diária das mulheres sertanejas. Elas se reuniam nas tardes quentes, diante das portas das casas para tecer esteiras e com igual destreza, produzir as belas rendas de bilro. Na volta dos pontos de troca, depois de enfrentar as intempéries e as agruras do caminho, os tropeiros traziam as mercadorias essenciais para a vida e o comércio do povoado.²

Curiosidade

A abundância de madeiras nobres (ipê, cedro, vinhático e braúna), influenciou muito o tipo de construção adotado. O aproveitamento dos cavacos de madeira nas coberturas das casas dos trabalhadores em uma rua lateral acabou tornando-a conhecida como “Rua do Cavaco”, talvez a segunda a surgir no povoado. Muitas outras ruas e praças foram nomeadas a partir das atividades que nelas predominavam ou do formato arquitetônico de seu casario: Rasta Couro, Perta Goela, Rabo da Gata, Imburaninha, etc.

Formação administrativa

Do ponto de vista administrativo e político, o povoado de União foi elevado à condição de Distrito, com o nome de Rubim, pertencente e subordinado ao Município de Jequitinhonha, em 1923, por meio da Lei Estadual nº 843, de 07/09/1923. Assim permaneceu até 1937.

Em 1938, Rubim passou a ser Distrito da cidade de Vigia (Almenara), por força do Decreto-Lei nº 58, de 12/01/1938. Assim continuou, até 1943 quando, através do Decreto-Lei nº 1058, de 31/12/1943, foi elevado à categoria de Município.

Ninguém sabe ao certo como e por quem o nome Rubim foi escolhido. Alguns dizem que Rubim é uma corruptela de rubi, uma das quatro pedras preciosas mais conhecidas do mundo. Contam as lendas, que o rubi é uma pedra sagrada no budismo e no hinduísmo e tem poderes de proteção. Curiosamente o rubi não é encontrado no Brasil.

Assembleia realizada em 1943, data em que Rubim foi elevado à categoria de Município.



O que pode ser encontrado no Brasil é a granada, também chamada de rubi do Cabo, mas não se tem notícia do garimpo de granadas na região. Há quem diga, no entanto, que o nome pode vir da cor avermelhada das águas barrentas do Rio Rubim, ou vir de algum proprietário de terras na região chamado Rubem, ou Rubens, daí o diminutivo Rubinho, Rubim. O mistério da real origem do nome vai continuar, até que surjam novos documentos.

Em 1944, o Município passou a ser constituído de dois Distritos: Rubim e Rio do Prado, assim permanecendo até 01 de julho de 1950. Em 12 de dezembro de 1953 o povoado de Itapiru foi elevado à condição de Distrito, através da Lei nº 1039, e anexado ao Município de Rubim. A mesma Lei elevou o antigo Distrito de Rio do Prado à categoria de Município, desmembrando-o de Rubim. Essa divisão territorial se manteve até 2007.



Rubim hoje

O Município de Rubim está situado na região nordeste do Estado de Minas Gerais, na microrregião do Baixo Jequitinhonha. A cidade fica a 760 km de Belo Horizonte e ocupa uma área de 965,174 km². Sua população foi estimada em 9.900 habitantes pelo Censo do IBGE/2010.

O Município tem, entre seus atrativos turísticos, o patrimônio natural emoldurado pelo relevo da Serra do Espinhaço, a cordilheira brasileira por excelência, na paisagem da região.









Rua José Ramos.



Rua Caetés 1ª casa de Bernadete e Maria Saraiva
2ª casa Sr. Ludgério Rodrigues;
3ª casa do Sr. Rachid Sampaio
4ª casa Hotel de Dona Vavá (atual IMA)



1ª casa Sr. Euclides Dutra, hoje Claudionor Porto
(hoje Adenário);
2ª casa Sr. Valdívio de Almeida;
3ª casa de Bernadete e Maria Saraiva



“Escolas Reunidas” foi a primeira escola de Rubim, fundada pelo major Quinto Fernandes Ruas.

O Mirante

A Casa do Mirante começou a ser construída em 1925 e só foi concluída em 1928. Já foi arquitetada para servir como residência da família Sousa e como loja comercial. As três portas que davam para a Rua Osório de Sousa eram o acesso à residência, as outras seis portas que davam para a Praça da Igreja se abriam para o grande armazém, onde se encontrava de tudo: roupas de cama, mesa e banho, botas, chapéus, ferramentas, ferraduras, artigos de montaria e querosene.

No centro da construção se erguia uma pequena torre que oferecia uma vista privilegiada sobre o povoado de União. Dali se podia acompanhar o ir e vir de pessoas e de mercadorias. Daquele posto elevado de observação se podia controlar o horizonte e antever o perigo. A Casa do Mirante era o local onde se tomavam importantes decisões econômicas e políticas em Rubim. No final de 1972, o imóvel mudou de dono e foi demolido pelo seu novo proprietário. Em seu lugar foi erguida uma residência, que nem de longe lembra a arquitetura e a importância política do imóvel original. Com isso, a cidade também perdeu um pouco do seu patrimônio histórico e da sua memória.³



*Arquitetura triunfante
De paredes grossas
sem curva do ferro
Feiro de barro
amassado
em “adobros” firmes
Intransponíveis.*

*Divagação dos antigos
Em fabular histórias
De contendas políticas
e de amores furtivos
Envolvidos em suas paredes*

*Ideia de coronel
Posto ali na esquina
Com sua torre em cima
Enxergando longe
Divisando a cidade*

*Imponente enquanto durou
Admirado enquanto existiu
Belo que era (na mente do poeta)
Ignorado pela sensibilidade
De seus senhores...*

*Foi vencido pela marreta
Derrotado pelo homem
Que o jogou ao chão,
Apagando-o da memória
dos tempos modernos.*



Grande enchente que carregou a rua da Bahia em 1968. Em razão disto foi criado o bairro Ipê, que fica na parte alta da cidade e por isso menos suscetível às cheias do Rio.







Antiga Praça Inácio Murta - atual Praça Ubirajara Coelho.

Rua São Geraldo, em frente ao União Tênis Clube de Rubim – atual sede do Ponto de Cultura Folias da Cultura.









Mercado

*Ao chegar a uma nova cidade,
o viajante reencontra um passado que não lembrava existir:
a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir
revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos.*

Ítalo Calvino

A feira em Rubim na década de 40.



Em qualquer lugar do mundo o mercado é sempre um ponto de encontro. Em Rubim não é diferente!

O primeiro mercado de Rubim foi criado na década de 1930 e não era apenas o lugar aonde chegavam as mercadorias trazidas de longe pelos tropeiros, ou de perto pelos produtores locais.

O mercado era lugar de festa de igreja, de apresentações musicais e de reuniões públicas. Em dia de cinema, cada um tinha que levar sua própria cadeira. Funcionava também como rancharia, que era o nome dado naquela época, ao local que servia de hospedaria para quem vinha de fora e não tinha onde dormir. No meio da praça, em frente ao mercado os açougueiros destrinchavam e vendiam carnes em suas barracas. Ele ficava na praça principal da cidade.

Com o tempo, a cidade cresceu e o mercado foi deslocado para outro lugar, mas ainda se mantém como um importante elo entre a cidade e o campo, entre a tradição e a contemporaneidade. É um espaço democrático. Todas as classes sociais alimentam o costume de ir ao mercado.

No Mercado de Rubim, o visitante pode provar o tempero da culinária local, tomar um café com biscoito de queijo, saborear uma fatia de requeijão, enquanto coloca a prosa em dia. Pode comprar produtos da roça, passear e tomar uma gelada com os amigos.

O comércio de hoje oferece opções mais modernas e maior comodidade nos supermercados. Apesar disso, o hábito de ir ao mercado, para comprar e vender os produtos da terra faz com que as pessoas se sintam mais próximas dela e daquele ambiente, que de alguma maneira representa a preservação da memória e da identidade cultural da cidade.



Elo entre a cidade e o campo, entre a tradição e a contemporaneidade, sempre um espaço democrático: todas as classes sociais alimentam o costume de ir ao mercado!



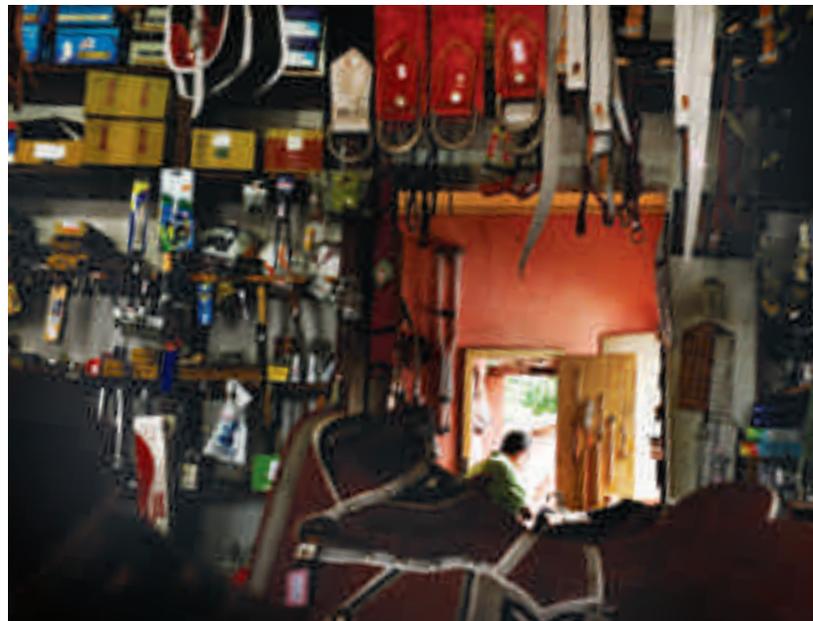


No Mercado de Rubim, o visitante pode provar o tempero da culinária local, tomar um café com biscoito de queijo, saborear uma fatia de requeijão, enquanto coloca a prosa em dia. Pode comprar produtos da roça, passear e tomar uma gelada com os amigos!



Pequena amostra do que se encontra em Rubim: geleia de mocotó da dona Dézinha e de Carlos, o clássico biscoito de Dona Carminha, assado no forno a lenha, os queijos, a manteiga de garrafa e outros produtos de pequenos agricultores.





O artesanato em couro, matéria-prima tradicional em Rubim, mantido pelas famílias de Mário Roseno e Geraldinho Traçador.

Rasta Couro

Você me chamou tropeiro
Eu não sou tropeiro não
Sou arrieiro da tropa masculina
O tropeiro é meu patrão.

(Mulinho do vale)

Lembrança da
minha infância





Com o tema Rasta Couro, a artesã Maria das Dores Carvalho Alves se inspira na música do também rubinense Rubinho do Vale para lembrar o primeiro núcleo urbano de Rubim, estabelecido pelos tropeiros.

Dona Argemira Ribeiro Rios rendeira, jogadora de bilros. Uma das mais antigas artesãs de Rubim que ainda pratica este ofício.



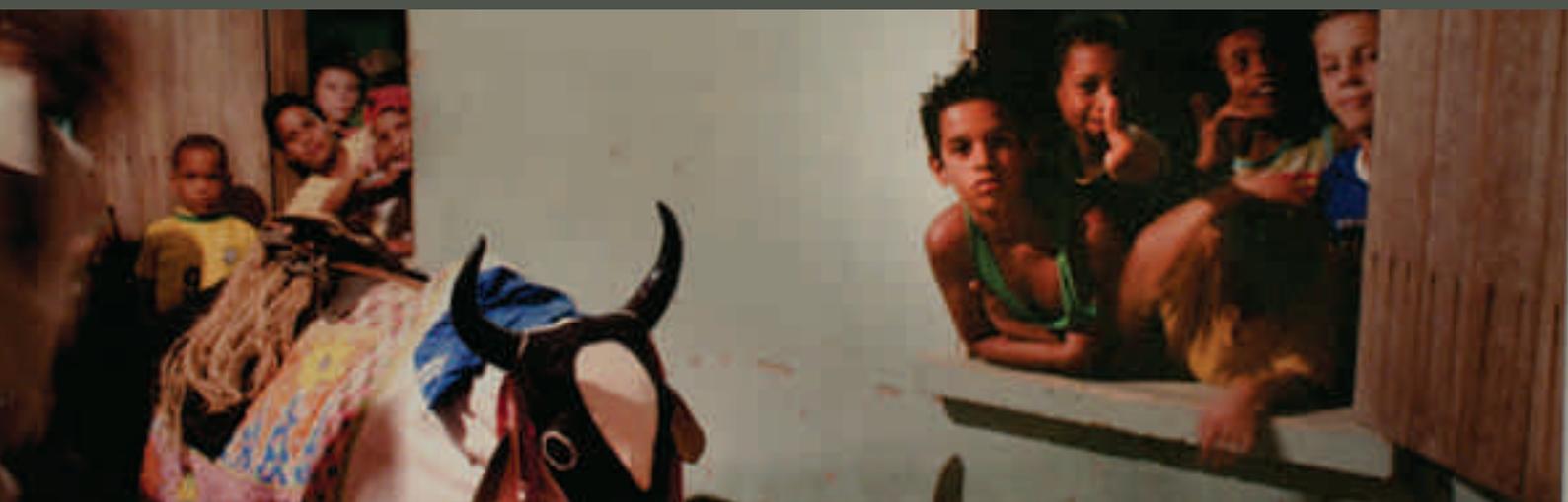
O ponto de cruz, o bordado e o tricô mostram força e técnica através dos tempos.

Temas da região são retratados pelas mãos de bordadeiras profissionais e moradoras de Rubim. Aqui, temos a Serra da Cangalha, a Pedra Parda, o Mirante e a mulher sertaneja por Iralice Dutra.





As vassouras são produzidas com capim colonião e cipó regeira, colhido nas matas em torno da cidade. São encontradas no mercado e nas casas de alguns artesãos.



O papel das escolas

As escolas tiveram um papel fundamental na sensibilização e na formação cultural da população de Rubim. Através da ação visionária e abnegada de suas professoras, as Escolas Reunidas e, posteriormente, a E. E. Cardeal Leme se tornaram palco de representações teatrais preparadas pelos alunos para celebrar datas comemorativas importantes. O entusiasmo e a ampla participação de toda a comunidade nos preparativos e na plateia eram geradores de reconhecimento e incentivo para os jovens artistas amadores, despertando neles o gosto pela arte do teatro, da dança, do canto, a afinidade com a criação musical e literária. Graças a esse trabalho perene e contínuo foi sendo construída uma tradição cultural importante e significativa na mentalidade, no gosto e no coração da cidade.⁴

MOSPRO

Foi em Rubim que surgiu, em 1971, o primeiro movimento cultural do Baixo Jequitinhonha. A partir da iniciativa do cantor e compositor Jurmel Dutra foi fundado o MOSPRO - Movimento Social Progressista de Rubim. Seu objetivo era conscientizar e mobilizar os jovens rubinenses para as transformações sociais, políticas e culturais que pulsavam no mundo naquele momento. Seu ideal era promover e divulgar as atividades culturais em Rubim.

1ª fila de pé da esquerda pra direita:
Jurmel Dutra, Bira Ribeiro,
Euclides Dutra, Darkan
Viana, Laudemares,
José Augusto Dutra,
Arnaldo Cegonha, Elzito.

2ª fila:
Renato Ferraz, Bith
Almeida, Dora Brasil,
Milton de Zuza, Tazinho
Guimarães, Malbak Caires.

3ª fila: agachados
Sapaula de Nonô, Daia
Prates, Glória Caires, Hulda
Viana, Amilcar Coelho,
Edmar Prates, Zé Pelé e
Anilton Ribeiro.



Movimento Social Progressista de Rubim - MOSPRO

A partir dos depoimentos de Bira Ribeiro e Sinésio Lopes Machado, registramos aqui algumas das ações e iniciativas sociais e culturais do grupo, que tiveram grande reverberação na vida da cidade e hoje fazem parte da memória local.

O movimento realizava reuniões semanais para debater e planejar suas atividades artísticas e culturais. Assim foram produzidos espetáculos teatrais, festas, horas-dançantes e as encenações da paixão de Cristo durante a Semana Santa. Foram realizados também shows musicais, na sua maioria apresentados em praça pública e programas de calouros para incentivar a prática musical entre os jovens. Essa efervescência contribuía para animar a



Jurmel Dutra e Glória Caires
- Festival da Canção de
Almenara em 1973.

vida cultural de Rubim e contagiava a vizinhança, com apresentações em Rio do Prado, Felisburgo, Almenara e Joáima.

As manifestações genuínas da cultura popular local, como os grupos de Folia de Reis Coquis e Pé Roxo, Boi de Janeiro e Pastorinhas, também receberam o apoio do movimento.

É importante pontuar que o MOSPRO não limitou sua atuação à arte e à cultura. O movimento se dedicou à realização de campanhas de interesse público, como a que foi feita para a obtenção de cal virgem usado para desinfetar as fossas sépticas e diminuir a ação dos pernilongos, num momento em que a cidade ainda não contava com

Procissão Semana Santa
– Da esquerda pra direita:
Rubinho do Vale, Jurmel
Dutra, Darkan Viana,
Edvaldo Santiago.



o esgotamento sanitário.

Com a morte de Jurmel Dutra, em 1974 as atividades do MOSPRO foram interrompidas. Na década de 80, alguns dos militantes remanescentes do Movimento resolveram retomar as atividades e criaram o Centro Cultural Jurmel Dutra. Essa retomada foi responsável pela realização de dois festivais com a presença de artistas como Xangai, Dércio Marques, Doroty Marques, Titane, Saulo Laranjeira, Rubinho do Vale e de um Encontro do Rubinense Ausente com shows, exposições, feira de artesanato, palestras e depoimentos de rubinenses ausentes de longa data. Em 1989, veio o apoio decisivo à realização do X Festival em Rubim.

Movimento Cultural no Vale

A criação do Jornal Geraes, em 1978, foi um marco importante para a estruturação dos movimentos culturais e políticos do Vale do Jequitinhonha, na sua luta por espaço e reconhecimento. O jornal tornou-se um instrumento fundamental de mobilização e de reivindicação, contribuindo para a descoberta e a difusão em escala aumentada das diversas realidades do Vale. Em torno dessa poderosa ferramenta de comunicação aglutinaram-se poetas, escritores, músicos, artesãos, grupos de teatro, grupos folclóricos e artistas plásticos. Em 1979, realizam o 1º Encontro de Músicos e Compositores do Vale.

FESTIVALE

É desse encontro que nasce o FESTIVALE, em 1980, com o slogan “Vale, Vida, Verso e Viola”. Esta primeira edição, também realizada em Itaobim premia o cantor e compositor Paulinho Pedra Azul, com sua canção “Ave Cantadeira”. Ali começa a trajetória vitoriosa do Festivale, que vai sendo recebido nas cidades do Jequitinhonha para apresentar e compartilhar a riqueza e a diversidade cultural da região, seu folclore, o artesanato, a música e a poesia. O movimento cresce, ganha força e se organiza para mostrar seu potencial além das fronteiras do Vale.

O jornal tornou-se um instrumento fundamental de mobilização e de reivindicação, contribuindo para a descoberta e a difusão em escala aumentada das diversas realidades do Vale.



Em 1984, o Coral Trovadores do Vale, de Araçuaí, registra no seu primeiro LP “Ainda bem não Cheguei”, as cantigas populares e folclóricas recolhidas na região por Frei Chico e pela artesã Lira Marques. O leque de ações se amplia e o movimento caminha para se consolidar cada vez mais! E nesse mesmo ano, a arte e a cultura do Vale do Jequitinhonha desembarcam em Belo Horizonte para realizar o antológico espetáculo “ONHAS DO JEQUI”, reunindo no palco do grande teatro do Palácio das Artes os artistas Paulinho Pedra Azul, Saulo Laranjeira, Rubinho do Vale, Tadeu Franco, Gonzaga Medeiros e Tadeu Martins, além de Frei Chico e Lira Marques.

O 1º Encontro de Entidades Culturais do Vale, realizado em 1985, na cidade de Jequitinhonha, representa um importante passo nessa direção.

Itinerante por vocação, o FESTIVALE continua seu percurso pelas cidades do Vale e segue agregando, a cada edição, novos grupos e manifestações. Em 1989, Rubim sediou o X FESTIVALE! Foi nesta edição que o evento ganhou mais um V maiúsculo no seu conceito e no seu nome e passou a se chamar FESTIVALE – Vale, Vida, Verde, Verso e Viola. O acréscimo do Verde foi proposto por Rubinho do Vale, quando ele subiu ao palco e lançou a música Viva o Festivale.

O FESTIVALE segue seu caminho como referência viva do diálogo entre a tradição cultural e os novos talentos e linguagens que não param de se revelar.

Eldvin Mendes (Rubim/MG)
escritor e produtor do FESPOMAR.



Inspirado pelo FESTIVALE, o artista e escritor Eldvin Mendes liderou a criação do FESPOMAR – Festival de Música, Poesia e Artesanato de Rubim. Entre 1999 e 2008 foram realizadas nove edições do festival, graças ao esforço particular do seu criador e produtor e o apoio imprescindível da Prefeitura Municipal.

Em 2015 a cidade de Salto da Divisa irá receber a 32ª edição do FESTIVALE, numa demonstração inequívoca que ele está mais que consolidado como um espaço de encontro, discussão e avaliação do movimento cultural do Vale do Jequitinhonha!

A ONG Vokuim

É uma entidade civil, sem fins lucrativos que atua há 15 anos no desenvolvimento do Baixo Jequitinhonha, em especial no Município de Rubim, por meio de ações culturais contínuas e comprometidas com a educação para a cidadania e a transformação social.

Vokuim. O que Significa?

Voquim é o nome dado ao mocó (*Kerodon rupestris*), na língua Maxakali. O mocó é um pequeno roedor, pouco maior que o preá, comum nas regiões pedregosas da caatinga. O nome vem do tupi Mo'kó¹. Segundo o professor Salvador Pinheiro o mocó tem um significado simbólico especial para a população, que envolve crenças e práticas específicas. Já o escritor Luiz Santiago afirma, em seu livro “O Vale dos Boqueirões”, que “Vokoin” era o nome de uma tribo de índios que habitou a região de Rubim e sobre a qual não se tem qualquer informação.

A força telúrica da palavra “vokuim” evoca a terra, os índios, uma religiosidade difusa, pedras, animais, lutas. Ela já foi usada para dar nome a um jornal em Rubim e a um córrego da região, que é dos primeiros a secar nas estiagens prolongadas.

Para nós VOKUIM é a síntese de tudo isso. Alia preservação e respeito às tradições culturais, gente e desenvolvimento humano. É nossa fonte de inspiração!

1.FERREIRA, A. B. H. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Segunda edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p.1 145

Como Tudo Começou

A ONG Vokuim foi fundada em 2000 por um grupo de voluntários que resolveu se juntar para realizar ações de Assistência Social, na cidade de Rubim. No início, o grupo atendia a crianças e a adolescentes de até 14 anos e se dedicou a ações voltadas para a higiene pessoal, como combater o piolho e a sarna com soluções medicinais baseadas em conhecimentos tradicionais. Atuou também na coleta e distribuição de alimentos, roupas e calçados usados, fez convênios com governos para alfabetizar crianças e adultos e mergulhou em diversas outras atividades que buscavam melhorar a qualidade de vida, prioritariamente, de pessoas excluídas ou em situação de vulnerabilidade social.

As ações se ampliaram para o desenvolvimento sócio ambiental, através da sensibilização da população para o tema e por meio de apoio direto aos artesãos e pequenos agricultores. A ONG manteve em funcionamento um bazar que comercializava roupas e calçados usadas, além da produção agrícola local e o artesanato feito no Município. Incentivou ainda, a implantação de projetos comunitários para a melhoria da segurança alimentar e nutricional, a captação e o manejo da água e a criação de associações. Foi parceira de entidades como o SESC no apoio a projetos de lazer e recreação para o público infantil, atividades esportivas, etc.

As ações da ONG VOKUIM contribuíram para evidenciar, valorizar e difundir o conhecimento tradicional dos curandeiros e raizeiras e dos mestres de ofício da região. A meta era melhorar as condições de vida e saúde da população beneficiada.

Esse diálogo permanente com a tradição desemboca naturalmente na cultura. Preservar e participar do desenvolvimento das manifestações culturais locais, das festas, da folia de reis, da religiosidade é preservar e manter sadio e fértil o ambiente social e sua diversidade. Os horizontes se ampliam ainda mais com os aspectos afirmativos da cultura, como direito cidadão, como oportunidade de revelação e reconhecimento da identidade das comunidades.

Desde 2009 a VOKUIM se dedica e gere um novo projeto sócio cultural: o Folias da Cultura, que é um Ponto de Cultura, participante do Programa Cultura Viva/Mais Cultura, implementado pelo Governo Federal em parceria com o Governo do Estado.

Através desse projeto, a ONG realiza ações voltadas para a fruição cultural e artística, oferece atividades de formação, aperfeiçoamento, pesquisa e intercâmbio artístico e cultural. Nesses quatro anos de realização do projeto as oficinas atenderam a mais de 1500 adolescentes, jovens, crianças e adultos. A partir dessas atividades foi criado e vem sendo mantido pela ONG um grupo permanente de formação em teatro, música, dança e capoeira, composto por jovens de Rubim e do Distrito de Itapiru.

O Folias da Cultura conta com a parceria da Prefeitura Municipal de Rubim e tornou-se uma referência cultural para o Município. Tem participado ativamente de iniciativas importantes para a cidade como a criação do Conselho Municipal de Cultura, em 2011, e do processo de adesão do Município ao Sistema Nacional de Cultura.

2009 a 2015

Foi com recursos do Programa Cultura Viva que o Ponto de Cultura dedicou-se a recuperar, entre 2009 e 2015, os acervos históricos existentes e a reconstruir e preservar o patrimônio artístico e cultural do povo rubinense.

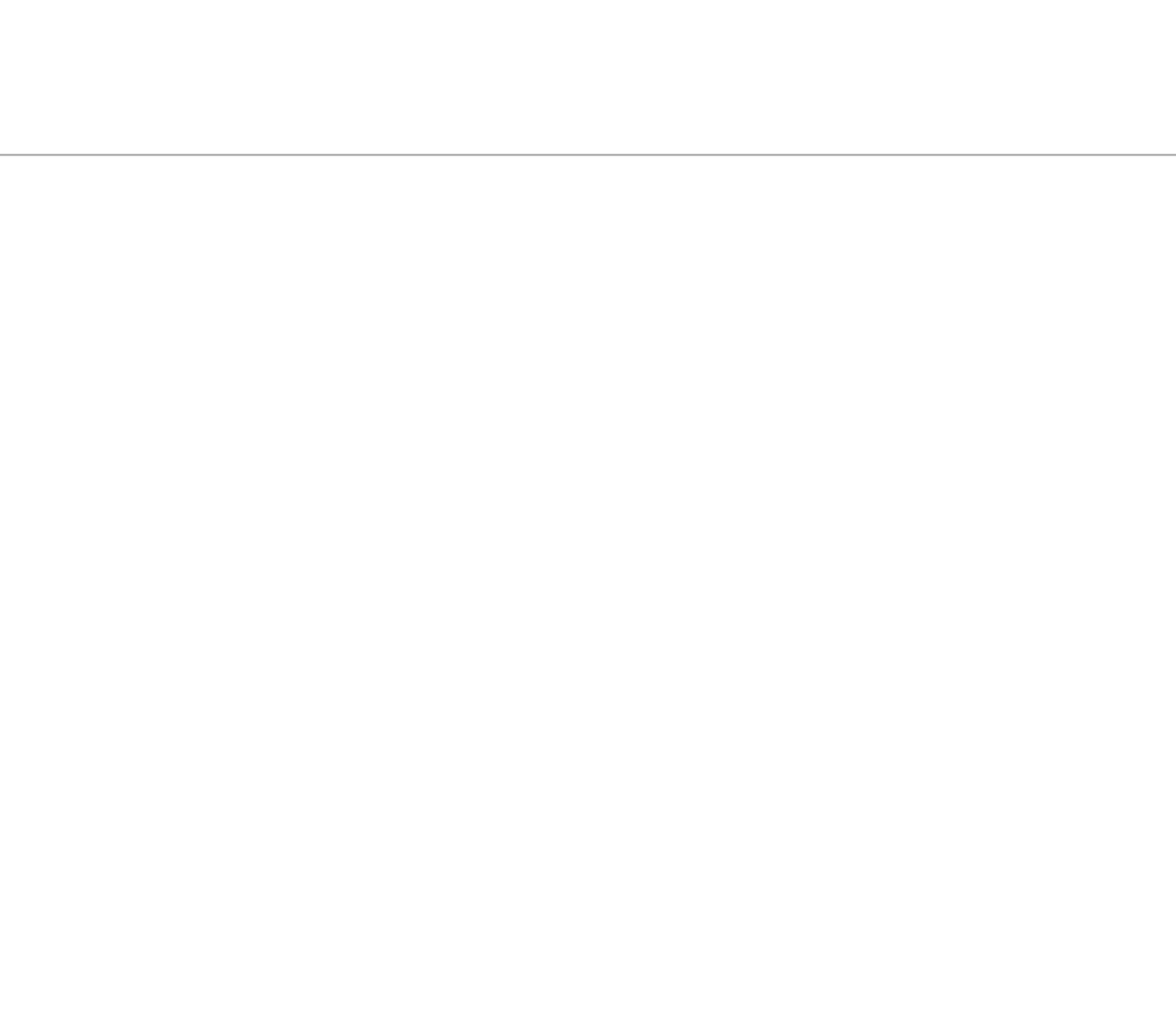
Essa ação continuada contribui para colocar a questão cultural na pauta política do Município, gerando as bases para uma política pública para a cultura em sua gestão. A criação de um banco de dados e a edição deste livro, como registro de percurso, é resultado das pesquisas realizadas e marca o cumprimento de meta traçada na origem do projeto.

Este e outros frutos do Folias da Cultura serão em parte distribuídos nas bibliotecas das escolas, doados aos grupos participantes e disponibilizados para instituições culturais estaduais e federais. Outra parte será comercializada, a preços compatíveis, dando sustentabilidade ao projeto. Em nosso tempo, ninguém desconhece que a cultura é um caminho e um instrumento de inclusão, de transformação social e de profissionalização.

Cultura Viva

O Programa Cultura Viva é um divisor de águas na história das políticas públicas para a cultura no Brasil. Lançado em 2004, esse programa do Governo Federal tem o mérito de reconhecer iniciativas culturais e socioculturais relevantes para as suas comunidades e de criar mecanismos de fomento para sua consolidação e desenvolvimento. A partir de sua base conceitual, que visa estimular o protagonismo, a autonomia e o empoderamento das comunidades, o programa foi colorindo o país com Pontos de Cultura, que vêm, pouco a pouco, desescondendo a riqueza da nossa diversidade cultural.

Tão importante quanto o reconhecimento formal e o apoio financeiro tem sido o papel que o Programa Cultura Viva desempenha na percepção da cultura como direito social e como ingrediente essencial para a construção da identidade nacional. Para isso, cria novas vias de acesso à fruição e à produção artística e cultural, ampliando e democratizando o espaço de participação da comunidade na cadeia produtiva da cultura.







Boi de janeiro

A Folia de Reis é uma das mais tradicionais e significativas manifestações culturais de Rubim. A festa vem sendo mantida há mais de 78 anos pelos grupos Coquis, Pé Roxo (Terno das Estrelas) e seus familiares. Tradicionalmente, os foliões visitam as casas onde há presépios montados e ali cantam para os Santos Reis e São Sebastião.

Em Rubim, o boi foi incorporado à festa e levou a brincadeira pra rua, atraindo principalmente a participação das crianças. Ao longo dos anos o Grupo dos Coquis foi acrescentando personagens que brincam com o boi e o público. A encenação acontece em janeiro de cada ano, na rua e em frente à casa anfitriã. A originalidade da festa é um dos cartões de visita da cidade. As comidas típicas e os costumes de sua gente completam o cenário vivo e caloroso da cidade, pronto para receber os visitantes.

Dona Juracy Rodrigues Lima
monta seu presépio e recebe
a folia de reis em sua casa
há 30 anos.





Boi dos Coquis em cortejo pelas ruas de Araçuaí com a participação de Josino Medina.



Um dos mais tradicionais grupos folclóricos de Rubim, Os Coquis, surgiu por volta de 1937 e todos os anos leva às ruas o Boi de Janeiro pelas cidades de Minas.

Cortejo do Boi de Janeiro, por ocasião do 1º Encontro do Rubinense Ausente, em 1985.







Folias dos Coquis

No repertório da folia dos Coquis, destacam-se as cantigas relacionadas à brincadeira de rua do Boi de Janeiro e das outras figuras que o acompanham, como o Véio, a Lobinha, o Bate-na-cara, a Maria Manteiga. Cada personagem tem sua própria cantiga. Aqui, apresentamos as partituras das cantigas: “Folias de Reis”; “Boi de Janeiro”; “Véio” e “Panha” (Paina).

A cantiga “Panha” (paina) é cantada pelas pastoras nas casas visitadas pela folia. Esta música foi registrada também no município vizinho de Santa Maria do Salto. A partitura da cantiga “Folia de Reis” foi transcrita a partir da gravação feita, em 1989, durante uma apresentação da folia dos Coquis, no 10º Festival, em Rubim. Ela apresenta a toada bastante semelhante à que o grupo executa atualmente. Esta gravação faz parte do acervo do projeto “Quem Canta um Conto Aumenta um Ponto”, da Faculdade de Letras da UFMG.

Dona Maria dos Coquis, matriarca dos “Coquis”, acompanhada de uma força incrível, mantém firme a promessa de continuar a tradição.



FOLIAS DE REIS (1989)

♩ = 72

Deus fez sal - va - ta - ra nos - ta - em - Ho - Deus fez a mor - ta - ra - On - de

mo - ra o ca - sa - ben - to - e a nós - ta - em - la - gra - da.

Deus fez salve, casa santa,
onde Deus fez a morada.
Onde mora o calix bento
e a hóstia consagrada.

Já sei eu, Três Maria,
de noite pela rua,
precisando Jesus Cristo,
nunca mais pôde achar.

Foram achar ele em firma,
revestido no altar.
Com o calix bento na mão,
mossa nova veio cantar.

O galo crista de terra
era um pássaro agarrado.
Ele deu primeira noz,
que Jesus era nascido.

Lá vai a garça voando,
nos ar, ela bateu asa.
E avistou filhote cego,
- viva o dono desta casa!

Senhor, o dono da casa
monde abriu suas portas.
Receber os santos reis,
com sua nobre folia.

- Senhor, bem Jesus da Lapa,
mas cadê sua caminha?
Nossa Senhora estendeu
lá na porta da tapinha.

Lá no céu tem sete estrelas,
e afinando uma viola.
Nós são sete músicos,
pra adorar Nossa Senhora.

São José "panhou" bantão
e acompanhou Nossa Senhora,
fazendo a estrela na terra
para festejar na glória.

Ora viva e ora viva,
nos quatro braços da cruz!
Viva nosso Santos Reis,
para sempre, amém, Jesus!

BOI JANEIRO

♩ = 157

É boi é boi, é boi de Ma-ri - a. Li - vem - ta, boi já - nei - ra, pra nós sa - bi - á

É boi é boi, é boi de Maria. / Levanta, boi janeiro, pra nós vadá.

VEIO

♩ = 159

En - vem o veio, des - sa - al, en - vem o veio. Veio Sa - bin - to é boi -

de - ra, 'vo - ra - do na ter - ça - ta, seu fa - ço na cin - ta - ra, sa - bi - al - de a noite m

tel - ra. Sa - tel - ra. O veio en - vem, ele já che - gou. Pra brin -

car com Ma - ria Ma - ri - ga foi lá - cul - do quem man - dou. Pra brin - dou.

Envem o veio, pessoal, envem o veio. / Subindo a ladeira, 'corando na bengala, seu facão na cintura, subindo a noite inteira. / O veio envem, ele já chegou. / Pra brincar com Maria Mameiga, foi lunado quem mandou.

PANHA (PAINA)

♩ = 100

Ó, co - lha a pa - nha, sa - co - lha a pa - nha, pôe a pa - nha pra se - cal. Quan - do for de ma - dru -

ga - lha que - ti - ver pa - nha vo - ar. Ó, co - lha a a - Pa - nha, pa - nha.

pa - nha, ma - rre, ó, pa - nha ma - rre na sai - a. Sai - a.

Ó, colhe a panha, sacode a panha, põe a panha pra secar. Quando for de madrugada, eu quero ver panha voar. / Panha, panha, panha, mulher, panha maeira na saia.



Sr. Tuca e Zé Homem, foliões dos Pé Roxo.



A contradança, os personagens e o cortejo pelas ruas!

Apresentação dos Coquis na
Primeira Semana da Cultura
em Jordânia - 1986.







Os meninos e o boi – grupo de crianças que encena a folia de reis anualmente.

Dona Maria Pé Roxo, matriarca da Folia dos Pé Roxo. Hoje afastada das atividades da Folia.



Folias da cultura e ONG Vokuin

Ações e Projetos





Memória e reconhecimento

FOLIAS DA CULTURA foi o nome escolhido para o nosso ponto de cultura em Rubim. Seu principal foco foi inventariar os bens e manifestações culturais do Município de Rubim, detectando os que estão em situação de vulnerabilidade e propondo ações capazes de promover a sua revitalização!

Quando o Ponto de Cultura foi idealizado, pensamos três eixos de formação: a Educação Patrimonial, que identificava e reconhecia o que é patrimônio cultural e natural; a Formação Artística, de acordo com a demanda dos grupos e em torno do drama inicial da Folia de Reis, e a Comunicação. Para suprir a necessidade de registro, divulgação do trabalho e comunicação, promovemos oficinas de software livre, fotografia, blog, site, web e vídeo (estas, vinculadas ao Polo Jequitinhonha da UFMG).

As ações de formação técnica e artística priorizam a oferta de oficinas que favorecem o desenvolvimento da musicalidade, da percepção rítmica, da habilidade para tocar instrumentos de percussão, especialmente os tambores, e para confeccionar instrumentos musicais. Sem se esquecer do aprimoramento da expressão vocal e corporal, do contato com o teatro, com o cordel, com as memórias e as diversas maneiras de construir a narrativa histórica. Tudo que se relacione, de alguma maneira, com a dramaturgia inicial das folias.

Por outro lado, e de maneira complementar, a pesquisa, a documentação e o intercâmbio constante entre os grupos folclóricos locais e outras festas tradicionais de Minas Gerais estimulam a memória e o reconhecimento de suas próprias características, ajudam a criar um hábito e um espaço efetivo e fértil para trocas.



Diretoria da ONG Vokuum na inauguração do Ponto de Cultura Folias da Cultura. Da esquerda pra direita: Adélio Alves, Clébia eis, Ernando Cunha e Maria Harlei Dutra.



O ator/diretor Nil César como Mestre de Cerimônias na inauguração do Ponto de Cultura Folias da Cultura. Da esquerda pra direita: Adélio Alves, o Prefeito Evandro Tiago de Aguiar, a Secretária Municipal de Assistência Social, Terezinha Benevides Dutra, (completar a lista de nomes, como o do senhor de chapéu marrom).



Ao microfone, Ivanilson Costa Barros, Presidente do Instituto Jurmel Dutra e fundador da ONG Vokuum. Sentados, da esquerda pra direita o folião Eduardo, da Folia dos Pé Roxo, Adélio Alves, índio Maxakali, Nil Cesar, o Prefeito Evandro Tiago de Aguiar e a Secretária Municipal de Assistência Social, Terezinha Benevides Dutra.

Ações e Projetos

Educação Patrimonial

Apresentação e discussão do tema “Patrimônio e Identidades Culturais” com alunos das escolas públicas locais e multiplicadores culturais de diferentes áreas do conhecimento.

A oficina propôs que os alunos buscassem a construção/reconstrução e fortalecimento de suas identidades partir de suas memórias. Através de um processo criativo, os alunos mapearam o patrimônio cultural material e imaterial e desenvolveram, através da arte, ações com finalidade de despertar na comunidade o interesse para construir, de forma coletiva e colaborativa, novas possibilidades e perspectivas de preservação de suas referências culturais.

Formação em música

No eixo musicalização a ONG ofereceu oficinas de formação em música e construção de instrumentos, canto e ritmos. Um desdobramento desse projeto foi a oficina permanente, com alunos monitores, que trabalha com outras crianças a formação de uma banda de música local.

Formação em teatro

Em parceria com a Casa do Beco de BH, a oficina de teatro trabalhou com o grupo durante três anos, montando esquetes com

as histórias locais. O grupo também fez oficina de palhaço sob a coordenação do Grupo Maria Cutia. Entre uma oficina e outra, foi mantido um monitoramento semanal que garantiu a continuidade e a diversificação na formação dos alunos. Desse grupo de aprendizes surgiram dois grupos de teatro que se organizaram autonomamente.

Formação em Dança

Foram realizados cursos de formação em dança e ritmos afro, ministrados por Camilo Gam, Jefferson Gomes, Tião Cardoso e Rena.

Parceria com a comunidade

Apoio permanente ao grupo de dança local, oferecendo estrutura e parceria no desenvolvimento e manutenção de suas atividades.

Grupos produtivos de artesanato

Essas oficinas foram uma demanda da comunidade de Rubim visando à construção de uma cooperativa que desenvolvesse noções de empreendimentos criativos e solidários, particularmente o artesanato. Esse projeto carece ainda de investimento e estruturação para tornar-se realidade.

Grupo de capoeira

Promoção e apoio ao trabalho realizado pelo grupo de capoeira local, com a inclusão de jovens em situação de vulnerabilidade social nas diversas atividades da ONG.

Preservação das Folias

Apoiar e ajudar a manter a tradição da Folia de Reis, em Rubim é uma das prioridades da ONG Vokuim. Esse apoio se dá através de ações pontuais de fomento e de iniciativas permanentes, como a criação e manutenção de um banco de dados e a construção de políticas públicas de educação e cultura para o município. Elas devem reconhecer e incluir as manifestações no calendário da cidade e promover ações transversais com a rede escolar local.

Intercâmbio

O Folias da Cultura promove, articula e participa de seminários, cursos e residências artísticas como forma de favorecer o intercâmbio com outras culturas, experiências e povos. Apoia as folias e os jovens comunicadores, de modo que aqueles atendam aos convites recebidos e estes, participem anualmente do Encontro de Jovens Comunicadores promovido pelo Programa Pólo Jequitinhonha/UFMG, nas cidades sedes.

Cineclubismo

O cineclubismo amplia as oportunidades de visualizar e conhecer obras audiovisuais produzidas no Brasil, ele possibilita o acesso a circuitos de exibição alternativos da rede de cineclubes e incentiva a produção de vídeos.

Programa Pólo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha

O Programa vem articulando, há quase vinte anos, as iniciativas de desenvolvimento regional que a Universidade realiza na região do Vale do Jequitinhonha. Por meio dele são contemplados vários projetos nas áreas de comunicação, educação, desenvolvimento regional e geração de ocupação e renda, cultura, meio ambiente, saúde e direitos humanos. A parceria do Programa com o Ponto de Cultura Folias da Cultura de Rubim aconteceu através dos projetos Vozes do Vale, Conexões do Vale e Suporte de Comunicação. Os jovens do Ponto receberam formação em blog, web jornalismo, vídeo, produção de podcasts e introdução à web rádio, em um ambiente de oficinas colaborativas. Desta forma, as instituições parceiras acreditam estimular o protagonismo juvenil e criar um espaço de visibilidade em que os jovens possam expor sua própria visão do contexto local.

Projeto Ciclo de Oficinas: Saberes da Folia

O Ciclo de Oficinas: Saberes da Folia é um conjunto de ações que

visa dar continuidade ao Projeto Os meninos e o boi. As oficinas temáticas trabalham a música, o teatro, a dança, a criação e customização de figurinos, fantasias e adereços, além da construção de instrumentos de percussão. Elas são oferecidas tanto às crianças e aos jovens envolvidos nas festas de Folia de Reis, em Rubim, quanto aos demais interessados. Assim elas criam um ambiente propício à transmissão e ao aprendizado de novos saberes e habilidades. O Ciclo de Oficinas: Saberes da Folia é coordenado pela professora Soraia Freitas Dutra e tem o apoio do PAIE – Programa de Apoio a Extensão da UFMG (2014 e 2015).

Ponto de Leitura

A Biblioteca da ONG Vokuim participou do Edital da Biblioteca Nacional do livro de baixo custo. Ela também recebe doações de livros, através de ações de colaboradores que criaram uma página no facebook: Biblioteca da ONG Vokuim. A ela estão associados dois projetos: o “Bibliofolias” e o “Cardeal Lê com a Comunidade”. O “Bibliofolias” realiza atividades de mediação de leitura, pesquisa de histórias orais da comunidade e rodas de histórias com jovens narradores e criou dez pontos de leitura na cidade e no Distrito de Itapiru. O “Cardeal Lê com a Comunidade” é uma parceria com a Escola Estadual Cardeal Leme, através do Programa Mais Cultura nas Escolas /MINC.

Bibliofolias – Livro e leitura ao alcance de todos

Projeto da ONG Vokuim, em parceria com o Instituto Mahle. Seu objetivo é estimular a leitura e ampliar as formas de acesso ao livro. Uma vez por mês, é realizada em cada Ponto de Leitura uma roda de histórias e o empréstimo regular de livros para incentivar a prática da leitura na comunidade. Para isso o projeto conta com o grupo de contadores de histórias formados pelo Bibliofolias.

Mais Cultura Nas Escolas

O convite veio da Escola Estadual Cardeal Leme, em reconhecimento ao trabalho do Ponto de Cultura Folias da Cultura. O projeto Cardeal Lê tem por objetivo o estímulo à leitura e a formação de leitores na escola e na comunidade.

Software e mídia livres

O primeiro contato com essa forma de conhecimento foi feito através de oficinas realizadas no laboratório da Escola Estadual Cardeal Leme, que foi parceira da iniciativa. Logo depois o Ponto de Cultura montou seu próprio laboratório, com a instalação do software livre em seus computadores. A ação continuada e o estímulo permanente serão muito importantes para manter a curiosidade dos jovens e fomentar uma nova mentalidade sobre a apropriação e o uso dessa tecnologia.

Shows, exposições, lançamentos e apresentações

Volta e meia, o Ponto de Cultura se transforma em palco para receber artistas da música, do teatro, da literatura e também das artes visuais.





Fachada das edificações que compõem o Patrimônio Material de Rubim.



Oficina de Educação Patrimonial

A partir do consenso entre os participantes das oficinas de que toda cidade é histórica e tem uma semente desenvolvimentista, independente da importância dessa história, em caráter regional, estadual ou nacional a professora Denisia Martins coordenou múltiplas tarefas que aproximaram os participantes de suas referências culturais e pessoais da cidade de Rubim.



Formação em música

Mestre Antônio, 75 anos, aprendeu o ofício da luteria de tambores e caixas de linha africana com o avô, na infância. Ele é um dos últimos conhecedores das técnicas e práticas dessa arte no Vale do Jequitinhonha. Nos últimos anos, vem trabalhando incessantemente para que a tradição não se perca. Ministrou oficinas de construção de instrumentos na ONG Vokuim.





Titane, cantora mineira, pesquisa e experimenta a música e suas interfaces com o corpo, as artes cênicas, a ecologia e o contato com o coletivo.







Raimundo Pereira dos Santos (Mestrando Fuampa) é fundador do Orun Capoeira - Praia do Forte/BA. Coordena grupos em 06 cidades na Polônia. Ministrou oficina de construção de instrumentos percussivos no Folias da Cultura.



O músico Leandro César da Silva segue a trilha aberta por Smetak e Marco Antônio Guimarães na pesquisa de materiais que produzem sonoridades incomuns. Nas oficinas de marimba de vidro e com tubos de PVC, os alunos aprendem a criar instrumentos musicais inovadores.



Kristoff Silva, natural de Belo Horizonte, é reconhecidamente um dos artistas mais versáteis da sua geração. Atua como violonista, cantor, compositor, professor de teoria musical e autor de trilhas para teatro e dança. Coordenou oficinas de musicalização no Folias da Cultura.





Nessa primeira etapa, o projeto “Saberes da Folia” proporcionou a realização de três oficinas: percussão e construção instrumentos, pífanos e a cultura do brincar, as brincadeiras e os jogos cênicos.

O músico Carlinhos Ferreira é um percussionista que prima pelo som dos tambores. Pesquisador de ritmos brasileiros há mais de 15 anos tem vivenciado, em campo, diversas sonoridades em manifestações de cultura popular brasileira; foi um dos artistas convidados a ministrar oficina de Percussão.

De origens familiares na região do Grande Sertão Veredas e Vale do Jequitinhonha, norte do Estado de Minas Gerais, Luciano do Pífano, é músico e pesquisador de instrumentos de sopro; ministrou a oficina de Pifanos para jovens e crianças atendidas pela ONG e o ponto de Cultura Foliás da Cultura.

A cultura do brincar, os jogos cênicos, as brincadeiras e a postura com o público fizeram parte dos trabalhos coordenados pelo brincante Wellisson Pimenta.



Vivência com Gaby Almeida Costa - psicóloga,
com formação em biodança e contadora de histórias.

Formação em teatro com
Nil César, ator e diretor
da Casa do Beco/BH/MG.





Oficina de palhaço com Mariana Arruda do Grupo de Teatro Maria Cutia.





Parceria com a comunidade

Os cursos permanentes de ginástica rítmica com o professor Cláudio Ruiz permitem a participação e a integração da comunidade com diversas modalidades da dança. Elas estimulam o cuidado com o corpo e a prática de hábitos saudáveis.

Camilo Gan e Jefferson Gomes ministraram oficinas sobre a cultura negra em geral, através da dança afro e da música dos tambores.



Mestre Tião Cardoso e Instrutor Rena
com a oficina de maculelê: ritmo e raiz.





Oficina de cerâmica com Mestre Ulisses, ceramista de Itinga-MG, conhecido pelos “Cristos e Cristas”, imagens que denunciam os encantos e desencantos do povo do Vale.



Oficina de bolsas artesanais com Neuza Maria Ferreira. Atividade alinhada com o projeto Empreendimentos Solidários.



Oficina de Figurino e indumentárias com Marney Heitmann, designer, figurinista e diretor de arte premiado pelo Sated, Simparc e festival de cinema de Gramado.



AMERICANA
SENTAÇÃO
DE BARRIO



Capoeira

Através dos fundamentos do jogo e das cantigas que animam suas rodas, os grupos locais de capoeira contribuem para difundir os mitos e os conhecimentos ancestrais e populares.



Intercambio - em parceria com o Programa Pólo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha - participação do grupo de comunicadores de Rubim em Itaobim e Carbonita.



Oficina de vídeo com Samuel Quintero e a presença do coordenador do projeto professor Marcio Simeoni em Rubim.



Oficina de Blog e Web Jornalismo com Isabella Reges, Cinthia Oliveira, Paulo Henrique, Ana Paula Castro e Ana Carolina Andrade – Pólo Jequitinhonha.







Oficina de vídeo - produção de vídeos, documentários e podcast, com, Wilton Fernandes, Samuel Quintero, Laiene Sousa e Widler Maciel.



Oficina de fotografia com Bruno Vilela da Oficina de Imagens/BH/MG.

A convite da OSCIP MONSA de Almenara os Jovens do Foliás da Cultura participam do Projeto Cachola Empreendedora – Laboratório de ideias. Durante o ano de 2015, o projeto vai promover encontros entre jovens de municípios do baixo Jequitinhonha e estimular o desenvolvimento de soluções para demandas locais. O Cachola é uma iniciativa da Fundação Telefônica (SP), em parceria com a Oficina de Imagens (Belo Horizonte), o Cededica-Vale (Pedra Azul) e a organização Monsa (Almenara).



Oficina de Cordel, Xilogravura e cybercordel com Tomás German e Beatriz Ferraz.





Oficina de contadores de histórias e mediação de leitura em dois projetos: Bibliofolias e Cardeal Lê em parceria com a Escola Estadual Cardeal Leme.



Roda de histórias na Escola Municipal Melvino Ferraz.



Cineclubismo - Exibição de filmes no espaço Cineclube Folias e na praça dos Pé Roxo.



Apresentação do grupo de Folia de Reis, no Museu do Conhecimento em BH/MG. Na ocasião foi exibido o documentário “Os Meninos e o Boi”, durante a Exposição “Quando o Jequitinhonha Canta e Dança”, promovida pelo Instituto Vale Mais.



Em apoio à implantação da lei 10.639/03 nas escolas, a ONG Vokum enviou agentes culturais e professores para participarem do Seminário Cantando e Contando a História do Samba, promovido pela Fundação Palmares em Belo Horizonte/MG.



Apresentação do trabalho do Ponto de Cultura Folias da Cultura, durante o Seminário “Rede Jequitinhonha Cultural” promovido pelo Instituto Vale Mais em Araçuaí.



Encontro dos Pontos de Cultura do Vale do Jequitinhonha e Mucuri, em Rubim/MG. Capacitação e treinamento com a DUO consultoria.



Seminário “Diferentes na Cor, Iguais na Alma”, promovido pela ONG Vokum e educadores de Rubim, Itapiru e Almenara. Uma ação de implantação da lei 10.639/03 nas escolas.



Caminhada ecoliterária à Pedra do Salão, um dos pontos turísticos da cidade de Rubim. Durante a caminhada foram feitas intervenções poéticas pelos alunos e artistas convidados.



Apresentação da banda de música formada por alunos do Folias da Cultura, em Jacinto/MG.



Apresentação do Grupo de Teatro, criado a partir das Oficinas de Teatro no Ponto de Cultura, na Escola Estadual Walmir Almeida Costa.



As pastorinhas do Grupo “Os Meninos e Boi” se apresentando em Jacinto.



Caminhada dos alunos da Escola Estadual Lídio de Almeida, pelas ruas de Itapiru, para divulgação da Lei 10.639/03*. Atividade resultante do Seminário “Diferentes na Cor, Iguais na Alma”, coordenada pela professora Zilma Nascimento.

Intervenção na comunidade, resultante da Oficina de Comunicação e Protagonismo Juvenil, coordenada pelo comunicador Braulier Pereira dos Santos.

**A Lei 10.639/03 torna obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental ao ensino médio.*



Depoimentos

Jovens beneficiados pelas ações e projetos do Ponto de Cultura Folias da Cultura e ONG Vokuim, relatam experiências e transformações vivenciadas no projeto.



Jainny Sousa

Meu nome é Jaine. Eu tenho 15 anos e vim para o Ponto de Cultura quando a diretora foi lá na escola trazendo um curso que eu queria participar sobre patrimônio. Eu entrei e Alba me mostrou o que era o ponto de cultura em um curso de Educação Patrimonial. Vi alunos falarem sobre o teatro, aí eu peguei e disse que queria fazer teatro. Alba falou que quando chegasse o dia ela me avisava.

Deixei o meu número para ela me ligar. Fiquei com vergonha, bem tímida, mas eu entrei, peguei e participei do teatro. Nil César, nosso professor, disse que teríamos de fazer uma apresentação. Fiz a apresentação. Meus pais me viram e gostaram muito. Quando eu saí na rua no outro dia todos me elogiaram. Pessoas que eu nem pensava que iriam me elogiar, gente da alta sociedade. Cheguei no Pro Jovem e todo mundo me reconheceu!

O Ponto de Cultura para mim é a minha segunda casa, eu vim aqui e percebi uma paz aqui dentro. Fiz muitos amigos e faço várias oficinas. Estou bem menos tímida agora e agradeço a todo mundo aqui. Todos me dão a maior força! Eu fui muito discriminada na minha vida por ser pobre. Eu vendia brasinha na rua e as pessoas me discriminavam muito. Depois que eu entrei aqui eu não sei mais o que é discriminação



Lume Dutra

Pra mim o Ponto de Cultura representa conhecimento, lazer, aventura e a oportunidade, que antes a gente não tinha, de fazer um curso novo, fazer uma coisa que a gente nunca tinha feito. Eu moro em Almenara, mas fico toda animada em vir pra cá toda sexta-feira para fazer os cursos de música, canto, teatro, curso de blog... É muito legal! Olha só o Moisés! Ele quer ser um ator.



Diego Neres Goulart

O Ponto de Cultura pra mim é alegria, amizade e aprendizado. Fiquei sabendo pelos amigos que ficavam anunciando nas ruas e pelos cartazes. Eu me interessei e vim. Eu gosto de ensaiar o teatro pra apresentar e fazer cursos de música, de canto. Gosto de tocar marimba e de tocar tambor! A marimba de vidro é muito legal, faz um som muito bonito.



Moisés Silva

Minha vida era simples, eu não sabia muitas coisas. Eu era uma pessoa que não tinha a consciência pra que lado eu ia, o que eu ia fazer. É isso aí! Com o Ponto de Cultura, eu fui aprendendo mais a me valorizar e a valorizar outras pessoas. Eu aprendi também a ser menos agressivo! Aqui no Ponto de Cultura, eu tento ajudar, tento compreender as coisas que eles falam e procuro demonstrar interesse e compromisso com as peças, viagens, essas coisas assim.



Bia Lacerda

Os meus amigos de escola falaram que tinha curso de figurinista. Ana Laura me falou que ela ia entrar, eu também peguei e entrei. Depois fui para o teatro, canto, oficina de palhaço e várias outras. Pedi a minha mãe para eu fazer e então fiz! Antes de entrar para o Ponto de Cultura eu era muito estressada, batia em todo mundo. Quando eu entrei aqui Alba me explicou que não pode fazer isto. Eu não estou mais batendo nos colegas e não estou mais estressada.

Eu gosto muito de teatro! Ele me faz mudar! Antes eu tinha muita vergonha de dançar no meio do povo, mas eu já me soltei! O Ponto de Cultura é muito importante pra mim, porque meus pais não ficam muito lá em casa. Eles trabalham o dia inteiro e eu fico só. Então eu venho para cá e me divirto! Conheci Moisés, que antes eu achava muito grudento, depois fui gostando do Moisés como amigo.



Ana Laura

Pra mim representa alegria, sabedoria! No meu caso, ele ajuda nas coisas que eu sempre quis conhecer, mas não tinha oportunidade: teatro, música, construir instrumentos musicais. Com o Ponto de Cultura eu tenho essa oportunidade.

O palco do Ponto



Exposição: Cor e Movimento

Inspirada pela cultura popular e temas ligados a sua terra natal, a artista Marina Jardim realizou, em 2011 sua primeira exposição em Rubim.



Laçamentos: Meu caminhar

O escritor jacinto-rubinese Eronilto Mendes Soares (!Trabion) lançou seu primeiro livro, "Contos Que Eu Conto", em 2004. O segundo, "Mágoas de um Lavrador" foi lançado em 2008. Em 2011, lançou "Meu Caminhar", no Ponto de Cultura de Rubim,. Participou da Antologia Poética do Vale do Jequitinhonha publicada pelo Instituto Valemais. Seu trabalho mais recente é o cordel "Espelho de Bolso", de 2013.



Déa Trancoso e Carlinhos Ferreira

Déa Trancoso, nascida em Almenara, Minas Gerais, é cantora, compositora e produtora cultural. Apresentou-se com o músico Carlinhos Ferreira no Folias da Cultura, numa parceria com o Programa Música Minas.



Tau Brasil e Augusto Cordeiro

O cantor e compositor Tau Brasil se une ao filho multi-instrumentista, Augusto Cordeiro, para um concerto de voz, violão e viola de 10 cordas, fazendo um apanhado da sua trajetória de cantador e forrozeiro no Folias da Cultura em 2014.

Leri Faria

Leri Faria é músico, ator e compositor. Produziu, em parceria com Márcio (Melão) Santa Rosa o LP “Jequitinhonha – Notas de Viagem”, lançado em dezembro de 1980. O trabalho foi um dos frutos do Projeto Jequitinhonha – Uma Expedição Cultural, que reuniu, em 1979, mais de 40 artistas de cinema, música, teatro, fotografia, literatura, dança e artes plásticas para um mergulho de mais de um ano na vida e na cultura do Vale. Além do LP, foram produzidos quatro filmes de curta metragem, três livros de poesia, vasto acervo fotográfico com mais de duas mil fotos selecionadas e uma grande exposição de pinturas, desenhos e objetos.





O Grupo Maria Cutia foi criado em 2006, na cidade de Belo Horizonte. Seus trabalhos, inicialmente, contemplavam mais as músicas regionais, o resgate de brincadeiras populares e o teatro de rua em sua forma mais arcaica, sem grandes cenários ou armações. Com o passar dos anos, foi estruturando-se como uma companhia de teatro que mistura gêneros, linguagens, cultivando pesquisa própria, a qual denomina de música-em-cena.



A Companhia de Teatro Ícaros do Vale foi fundada em 1996, por um grupo de estudantes da cidade de Araçuaí, região do médio Jequitinhonha. No Foliás, o grupo apresentou a peça TERRA: A História de João Boa Morte “Cabra marcado para morrer” em 2012.

Grupo Teatral “É ISSO, É?!” de Joaíma/MG com o Espetáculo: O OPERÁRIO EM CONSTRUÇÃO.





Roda de histórias com as contadoras de histórias Gaby Almeida Costa e Alba Valéria.



Roda de Histórias com Luciana Peixoto e Alba Valéria.



Lançamento - Documentário - Os meninos e o boi

O Projeto Os meninos e o boi, contemplado com recurso da Secretaria Estadual de Cultura por meio do Edital FEC-2012, resultou na produção do Documentário Os meninos e o boi, coordenado por Alba Valeria Freitas Dutra, realização da ONG Vokum e do Ponto de Cultura Folias da Cultura e produção da Zenólia Filmes em 2014.

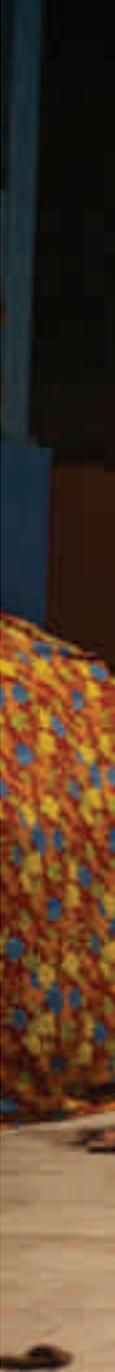
É com alegria que apresentamos o documentário Os meninos e o boi, fruto das ações do Ponto de Cultura e Ponto de Memória Folias da Cultura da cidade de Rubim\Minas Gerais. O projeto surgiu da necessidade de se registrar as manifestações culturais da cidade, bem como de seus processos de criação, organização e construção coletivas. Existentes há mais de 70 anos as folias dos Coquis e Pé Roxo vivem transformações e perdas, ao mesmo tempo em que resistem e se fortalecem ao garantirem a transmissão aos mais novos.

O envolvimento de crianças nas festas populares é uma prática comum nas diferentes regiões em que elas se manifestam o que, em certa medida, garante elementos de continuidade e sobrevivência de tradições permanentemente ressignificadas. O que nos parece singular na criação dos Boizinhos de Janeiro de Rubim é a iniciativa dos meninos de reunir outras crianças e jovens em torno da formação do seu próprio grupo. O envolvi-

mento nas etapas de organização, construção do boi e dos instrumentos musicais e na realização da festa revela-se um processo rico de articulações, agenciamentos e criatividade. E apontam a existência de diferentes habilidades, num protagonismo comunitário cujos atores principais são “os meninos”.

O gesto de preservação da memória contido nesta iniciativa mostra o seu imenso potencial criativo e educativo na memória cultural da comunidade. Ele nos faz crer que a nós, instituições culturais, cabe dar-lhes reconhecimento e visibilidade e buscar formas de apoio, sustentabilidade e permanência destas ações.

O compromisso desse projeto é reconhecer aquilo que é nosso, é olhar para as nossas riquezas, é legitimar a “nossa história” a partir da “nossa perspectiva”. Esse documentário é uma forma de contribuição para a construção do registro da história da comunidade rubinense e comporá o banco de dados do Ponto de Memória da ONG VOKUIM.









Apresentação, em praça pública, do cantor e compositor Rubinho do Vale, por ocasião do lançamento do documentário “Os meninos e o boi”, em Junho de 2014.

Boi de Janeiro

Música de Alça Valéria Pinho Chera
sobre poesia de Eric Ribicoff

The musical score is written in a single system with ten staves. It begins with a treble clef, a key signature of one flat (B-flat), and a 12/8 time signature. The melody is simple and rhythmic, with lyrics in Portuguese. The score includes a 'Coda' section starting at measure 25. The lyrics are: 'E-ra Já - nei-ro Mês de boi Boi de pau De do-a - por - ras', 'E-ra Já - nei-ro Mês de boi Boi de pau De do-a - por - ras', 'Boi que fa - la e can - ta A-le - gre e man - so Pru - re - a - do Boi que fa - la e can - ta A-le - gre e man - so Pru - re - a - do Boi de Ma - ri - a Boi de Jo - se Boi de Ma - ri - a Boi de Ji - se Boi que dan - ça Boi tru - rei - ro Boi Bam - bá Boi de Ja - nei - ro', 'Boi de Ja - nei - ro Boi de Ma - ri - a Boi de Ji - se Boi que dan - ça Boi tru - rei - ro Boi Bam - bá Boi de Ja - nei - ro', 'Boi de Ja - nei - ro Boi de Ma - ri - a Boi de Ji - se Boi que dan - ça Boi tru - rei - ro Boi Bam - bá Boi de Ja - nei - ro'. The score ends with a double bar line.

E-ra Já - nei-ro Mês de boi Boi de pau De do-a - por - ras

E-ra Já - nei-ro Mês de boi Boi de pau De do-a - por - ras

Boi que fa - la e can - ta A-le - gre e man - so Pru - re - a - do Boi que fa - la e
can - ta A-le - gre e man - so Pru - re - a - do Boi de Ma - ri - a Boi de Jo -
se Boi de Ma - ri - a Boi de Ji - se Boi que
dan - ça Boi tru - rei - ro Boi Bam - bá Boi de Ja - nei - ro

dan - ça Boi tru - rei - ro Boi Bam - bá Boi de Ja - nei - ro

Coda

Boi de Ja - nei - ro Boi de Ma - ri - a Boi de Ji - se Boi que
dan - ça Boi tru - rei - ro Boi Bam - bá Boi de Ja - nei - ro

Boi de Ja - nei - ro Boi de Ma - ri - a Boi de Ji - se Boi que
dan - ça Boi tru - rei - ro Boi Bam - bá Boi de Ja - nei - ro

Música composta especialmente para o documentário “Os Meninos e o boi” que acompanha este livro.

Agradecimentos

Aos alunos do ponto de cultura que permitiram a realização deste trabalho. Aos mestres que trocaram saberes, fazeres e tempo de vida com a nossa comunidades.

Aos parceiros.

Aos amigos.

Referências Bibliográficas

Pedra Azul - Cinco visões de uma cidade -
Maria das Graças Cordeiro de Sousa e Luis Santiago

Terras de Fortaleza - Eder Machado Silva

<https://madeinrubim.wordpress.com>

<https://madeinrubim.wordpress.com/historia/rubim>

<http://www.soujequi.com/>

www.cidades.ibge.gov.br

Dados e informações da história oral, com alguns moradores:

Adélio Alves, Helena Moreira da Silva, Sinésio Lopes Machado,
Bira Ribeiro.

Página 15: ¹- Informações do escritor Luis Santiago

Página 19: ²- Depoimento de Ivan Dutra

Página 28: ³- Informações de Dr. Darcy Sousa

Página 52: ⁴- Depoimento de Laura Benevides Morais

Fotos: Márcio Pereira, páginas, 12, 13, 40, 41, 42, 43, 45,
46, 48, 49, 66, 67, 69, 73, 78, 79, 92, 125, 137,138, 139

Fotos: Arquivos da ONG VOKUIM, José Augusto Dutra,
Laura Benevides Morais, Sinésio Lopes Machado, Ivan Dutra

Foto página 23: arquivo pessoal de Laura Benevides Morais

Foto aérea página 25: Basicolor|Almenara

Foto página 79: Primeira Semana da Cultura
em Jordânia, Guilardo Veloso

* Wesley Pioest, *poeta, fez muita coisa: correu do boi janeiro e da polícia, escreveu alguns livros de poemas e editou a revista Liberdade, lá nos anos de chumbo. Compôs canções, respirou profundamente a democracia e agora está triste com tudo que vê, mas tem esperança. Percebe o outono chegar e cada dia mais tem saudades de sua infância, de conversar com seu pai e das tardes intermináveis em Rubim, a sua pequena cidade.*

* Bira Ribeiro, *poeta e cronista é natural de Rubim. Em 2008 publicou o livro Namorado da Lua.*

